

Paula Garcia Lima
Mestre e doutoranda
pelo PPGMP/UFPEL;
Professora Assistente
dos cursos de
Design da UFPEL
paulaglima@
gmail.com

**Francisca Ferreira
Michelon**
Doutora em História
PUC-RS; Professora
Associada dos cursos
de Museologia,
Conservação e
Restauração e do
PPGMP/UFPEL
fmichelon.ufpel@
gmail.com

**Caroline Farias
Ferreira**
Graduada de Design
Gráfico/UFPEL
carolinefariasferreira
@gmail.com

**Saarah Londero
Maschendorf
Gottinari**
Graduada de Design
Gráfico/UFPEL
saarahgottinari@
gmail.com

Memórias do gênero feminino e do trabalho a partir dos *Almanachs de Pelotas (1913-1935)*

Memories from the female gender and from the work based on Almanachs de Pelotas (1913-1935)

Resumo: O presente texto tem como objetos de análise os *Almanachs de Pelotas* (editado de 1913 a 1935) e seus reclames, considerados como influentes ferramentas na construção do gênero feminino. A partir desta constatação, a discussão específica que se propõe é a relação das mulheres com o trabalho, no interior e fora do lar. Estes objetos são vistos como peças de design, entendidos, por sua vez, como importantes manifestações da cultura, o que permite lhes aproximar dos conceitos de memória.

Palavras-chave: Mulheres; trabalho; *Almanachs de Pelotas*; reclames

Abstract: This paper has as objects of analysis the *Almanachs de Pelotas* (edited from 1913 to 1935) and your ads, considered as influential tools in building of female gender. From this finding, the specific discussion that is proposed is the relationship of women with work, inside and outside the home. These objects are seen as design pieces understood, in turn, as important manifestations of culture, allowing them to approach the memory concepts.

Keywords: Women; work; *Almanachs de Pelotas*; ads

INTRODUÇÃO

A relação das mulheres com o mercado de trabalho ainda é um tema que gera polêmica e que carrega desigualdades. Mesmo que em pequenas proporções, já se pode, é fato, encontrar mulheres desempenhando as mais diversas funções em inúmeras profissões, incluindo aquelas ditas como profissões “masculinas”, como motoristas de ônibus e delegadas, por exemplo. Porém, no que se refere à valorização e à equiparação aos cargos e salários dos homens, esta parece ser uma realidade ainda distante. Con-

figurar um assunto polêmico e o desaprecio com relação ao gênero masculino, se dão, justamente, em função de um longo tempo, não tão distante assim, no qual se destinava às mulheres o espaço privado, entre as paredes do lar, desempenhando atividades domésticas. As mulheres sempre trabalharam, no entanto, o trabalho doméstico não era (e ainda não é) valorizado, como se fosse uma obrigação, logo, sem remuneração. Este foi ponto de reivindicações das feministas marxistas, as quais lutaram pela inclusão das atividades das mulheres na categoria trabalho (HARAWAY, 2009, p.53). Ora, mas percebe-se que aí se recai no reforço dos binarismos típicos da categoria de gênero ao mencionar “atividades das mulheres”. O que aqui interessa é que o percurso trilhado até os dias de hoje foi longo e segue em curso e tal ponto, serve para justificar o texto aqui proposto.

O trabalho que aqui se apresenta é resultado de estudos que estão sendo desenvolvidos na tese de doutorado de uma das autoras dentro do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da universidade Federal de Pelotas e de investigações dentro no grupo de pesquisa “Memória Gráfica de Pelotas: um século de design”, lotado na mesma universidade.

Nestas pesquisas objetiva-se trabalhar com enfoque no design gráfico, através dos reclames dos *Almanachs de Pelotas*, tomados como suportes de memória que trazem ricas informações do período no qual circularam. Estes reclames configuram o objeto de estudo mais específico das investigações, no entanto, se considera fundamental tomar os próprios *Almanachs* como objetos de análise, configurando-os como objetos de estudo mais gerais, que operam como importantíssimos registros de informações e, logo, também como suportes de memória.

O *Almanach de Pelotas* foi uma publicação de periodicidade anual, editada na cidade de Pelotas, município localizado ao sul do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1913 e 1935. Conforme já mencionado e assim como as demais publicações desta tipologia, este periódico é uma importante fonte que traz

informações profícuas sobre os hábitos, costumes, formas de vida e organização da sociedade. A questão do gênero feminino presente nos anúncios desta publicação foi motivadora do estudo por ter se detectado a presença de discurso promulgador do papel que se esperava e/ou se atribuía às mulheres.

Pondera-se que um estudo que busca num período passado já distante (início do século XX) questões relativas ao gênero feminino justificasse pela ideia de que olhar para trás auxilia na compreensão e na percepção dos resquícios de práticas pretéritas, ainda, nos dias de hoje e que ainda “conformam” as mulheres. Desta forma, se está a compreender gênero como uma categoria historicamente construída, em concordância com o postulado por Scott (1995, p.84-85), de que a edificação desta categoria se deu no processo, devendo-se buscar refletir como as mudanças ocorreram e/ou ocorrem. Também bastante elucidativo da postura acerca de gênero adotada neste trabalho, e finalizando-se esta introdução, cita-se Natalie Davis, para quem o objetivo maior é:

(...) compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la. (DAVIS, apud SCOTT, 1995, p.72)

OS OBJETOS DE ESTUDO E A MEMÓRIA

O *Almanach* de Pelotas foi um periódico fundado por Dr. Antonio Gomes da Silva, Ignácio Alves Ferreira e Capitão Florentino Paradede e, conforme já mencionado, editado anualmente em Pelotas entre os anos de 1913 a 1935. Como característica dos demais almanaques (que eram bastante recorrentes no período), o *Almanach* de Pelotas tinha um grande alcance de público, e assim como usuários diversos, era composto também por conteúdos

diversos, sendo contemplados desde os temas relacionados à vida prática até aqueles mais ligados à cultura, ao lazer e ao entretenimento. Em suas páginas podiam ser consultadas taxas de correios e telégrafos, datas de pagamentos de impostos, horários de trem, informações meteorológicas, receitas, charadas, piadas, contos, textos ligados a fatos históricos e da atualidade e etc. No entanto, neste periódico, o maior objetivo (inclusive expresso em palavras de inúmeros prefácios) era promulgar o desenvolvimento da cidade e cultivar o trabalho, as ações e as virtudes de seus “filhos”, ações que comungavam com o ideário positivista e com os anseios pela modernidade, tão caros naquele contexto.

Os *Almanachs* de Pelotas foram todos confeccionados a partir da técnica tipográfica com a presença de clichês fotográficos. Nas publicações de 1913 a 1920 as impressões foram realizadas pelas *Officinas Typográficas* do Diário Popular (oficina de jornal da cidade em circulação até os dias de hoje); de 1921 a 1928 as edições foram impressas na Tipografia Guarany; e de 1929 a 1935 as impressões se deram nas Oficinas tipográficas da Livraria do Globo (GASTAUD e SILVA, 2010, p. 12). Era impresso em papel jornal e tinha dimensões de 29 x 21 cm, no formato aberto.

Neste periódico, inúmeras páginas eram reservadas às propagandas, e crê-se que isso justificava-se pelo financiamento dos *Almanachs*. Tal aspecto e preocupação aparecem evidentes em vários editoriais, através dos quais encontra-se expresso que os editores não visavam lucro com as publicações e, ao mesmo tempo, traziam informações e reclamações sobre o crescente valor dos insumos necessários para a sua produção. Desta forma, explicitavam o quanto era complicado manter o *Almanach* em circulação, exaltando a luta que tinham de travar. Com tais fatos, parece evidente que os anúncios devem ter desempenhado um papel fundamental para a sobrevivência do periódico, sendo que nas 23 edições publicadas dos *Almanachs* de Pelotas foi contabilizado um total de 4221 reclames, conferindo uma média de 183 anúncios por edição, o que se considera uma quantidade bastante considerável.

Estes objetos de estudo (os *Almanachs* de uma forma mais geral, e os seus reclames de uma forma mais específica) são observados a partir de um olhar de design e em estudos anteriores, Lima (2010, p.99-113) já ponderou sobre o design ser uma atividade intimamente relacionada com o dia a dia das pessoas, como uma importante manifestação da cultura que reflete o seu contexto ao mesmo tempo que auxilia na construção deste contexto. Os produtos do design – em específico do design gráfico, dado o tipo de objeto de análise – são artefatos culturais imbuídos de significados simbólicos, que os ligam ao quadro histórico e social do qual emergem. A partir desta égide, se compreende estes produtos como discursos que refletem a situação cultural da qual emergiram e para a qual foram projetados e, assim como respondem aos anseios da sociedade, contribuem para realimentar ou transformar a mesma situação cultural (VILLAS-BOAS, 2002, p.18-19), em um processo que parece ser retroalimentativo. Assim, o design como um trabalho que emana da cultura, alimenta-se desta ao mesmo passo que contribui para a sua construção, permeando as experiências e imaginário dos sujeitos.

Os objetos materializam o conteúdo e a forma como recordamos e, por sua característica duradoura, têm a capacidade de remeter aos contextos nos quais emergiram e circularam (RADLEY, 1992, p.64 e p.70). Sobre a durabilidade, interessante destacar que os impressos, em geral, são mais descartáveis, no entanto, os almanaques eram uma tipologia de publicação que almejava perenidade, não só durante o ano corrente (para o qual comportavam uma série de informações úteis como datas para pagamentos de impostos, calendário para cada mês, fases da lua, previsões meteorológicas e etc.), mas ao longo da vida dos leitores. Comprovando esta característica, Anastácio (2014, p.8) também recorre ao conteúdo privilegiado destes impressos e cita a existência de tabelas que permitiam calcular o tempo e posição dos astros e marés em qualquer época futura e não somente para o seu ano de veiculação. Segundo o autor, justamente devido a estas pre-

tensões, os almanaques foram nominados como *Reportórios dos tempos* ao longo do século XVI. A partir do exposto, os reclames contidos nos *Almanachs* de Pelotas são artefatos que nos fornecem informações que possibilitam trabalhar sobre um tempo findo de forma a construir memórias de algo que não vivenciamos quando ocorrido e que, conforme já mencionado, deixaram rastros ainda sentidos no que se refere à categoria de gênero.

A íntima relação que se entende existir entre design e cultura abre caminho para que seja estabelecida afinidade entre o design e memória. Esta afinidade encontra em Radley (1992, p.63-76) grandes contribuições. Para o autor, o dia a dia é permeado por objetos nos quais as memórias repousam, de forma que as recordações estão sujeitas ao entorno físico e fazem parte da cultura. Assim, os artefatos são expressões concretas que constituem a base a partir da qual se recorda. Csikszentmihalyi (1993, p.20-29), por sua vez, considera que os objetos permitem que a memória prolongue-se na direção do futuro, desempenhando um papel fundamental na organização das experiências. Com estas afirmações, este trabalho parte do pressuposto que o produto desta atividade profissional, gerado no passado e reencontrado no presente – tendo-se os *Almanachs* de Pelotas e seus reclames como objetos de design e que configuram o corpus de análise da pesquisa – pode ser considerado um suporte da memória de um tempo passado, que hoje são retomados exatamente com intuito de organizar e compreender experiências generificadas e presentes.

Assim sendo, aponta-se que os objetos de pesquisa funcionam como suportes de memória através dos quais é possível reportar a contextos específicos. Sobre a que tipo de memória se estaria a referir, pondera-se sobre um entendimento contemporâneo, o qual compreende esta faculdade humana como uma mescla entre aspectos individuais – vide teoria de Henri Bergson (s.d.) –, e aspectos sociais – vide teoria de Maurice Halbwachs (1976 e 1990). Através desta visão que entrelaça estes dois aspectos o trabalho direciona-se para a teoria de Joel Candau (2001 e 2002), para quem deve ser

considerada a influência dos grupos de convívio na formação das memórias, sem, porém, esquecer as idiossincrasias que compõem todos os sujeitos, ou seja, a memória constitui uma trama entre fatores individuais e coletivos de forma a um interferir no outro. Assim, sugere-se que os *Almanachs* e seus reclames configuram a cultura visual de uma época e, nesse sentido, podem ser considerados atos de memória coletiva, utilizando o conceito de Candau (2001, p.31-32), que funcionam como elementos identificadores e que nutrem as lembranças dos indivíduos de uma mesma fonte, porém, sem garantir que todos façam as mesmas elaborações. Como exemplos de atos de memória coletiva, o autor destaca as celebrações, os rituais, os mitos, os relatos e os museus. Acredita-se que, a partir deste aspecto, possa se entender a afirmação que o autor faz de que a memória coletiva é uma instância que regula as memórias individuais (Idem, p.43)

GÊNERO FEMININO E TRABALHO

Embora já se tenha sugerido, cabe destacar aqui que a presente proposta de reflexão entende gênero a partir de uma ideia de construcionismo social, pois se intenta observar os *Almanachs* de Pelotas e seus reclames, que hoje funcionam como veículos para construção de memórias, operaram, em outro tempo – e talvez, inclusive, nos tempos atuais – como construtores e promulgadores das categorias feminino e masculino; e construcionismo social, para Nicholson (2000, p.23), nada mais é do que postular que a sociedade influenciou de alguma forma uma dada situação ou resultado. Também se observa que o gênero é o possível mais fundamental elemento constitutivo das identidades dos sujeitos que, para Franchetto et al. (1981, p.16), diz respeito “à construção social do sexo, ou seja, aos papéis e valores que o constituem em dado momento histórico, em uma sociedade particular, englobando o sexo biológico”.

Inúmeros são os ditames sobre o papel das mulheres naquele contexto, que funcionavam, então, como guias para as construções arbitrárias

dos papéis dos gêneros feminino e masculino, tanto visualmente, quanto textualmente, nos textos e nos reclames. Nas amostras analisadas encontram-se, por exemplo, conselhos para as mulheres, conforme segue:

Amiga de sua casa, bemquista dos vizinhos, caridosa com os pobres, devota de Deus e da Virgem Santissima, entendida nas suas obrigações, fiel a seu marido, **geitosa no regimen da casa**, honesta no trato, incasavel no dever, justa nos negócios, leal nas relações, **mansa com os filhos e creados**, nobre nas acções, **obediente a seu marido**, paciente nos trabalhos, querida de todos, sisuda nas palavras, trabalhadora, urbana, vigilante e zelosa. (Extr.) (A.B.C. das mães de família. *Almanach* de Pelotas, 1918, p. 104, grifo nosso)

Neste trecho aparece bastante evidente a situação de submissão a qual a mulher estava associada com relação ao seu marido. Ao homem atribuíam-se a responsabilidade de trazer o ordenado para casa e, à mulher, caberia a manutenção do lar, desempenhando as atividades que caracterizavam aquelas que eram consideradas boas esposas: as prendas domésticas, como saber cozinhar, por exemplo. Para Del Priore (2013, p.69), as prendas domésticas eram consideradas as competências diferenciais para as esposas exemplares.

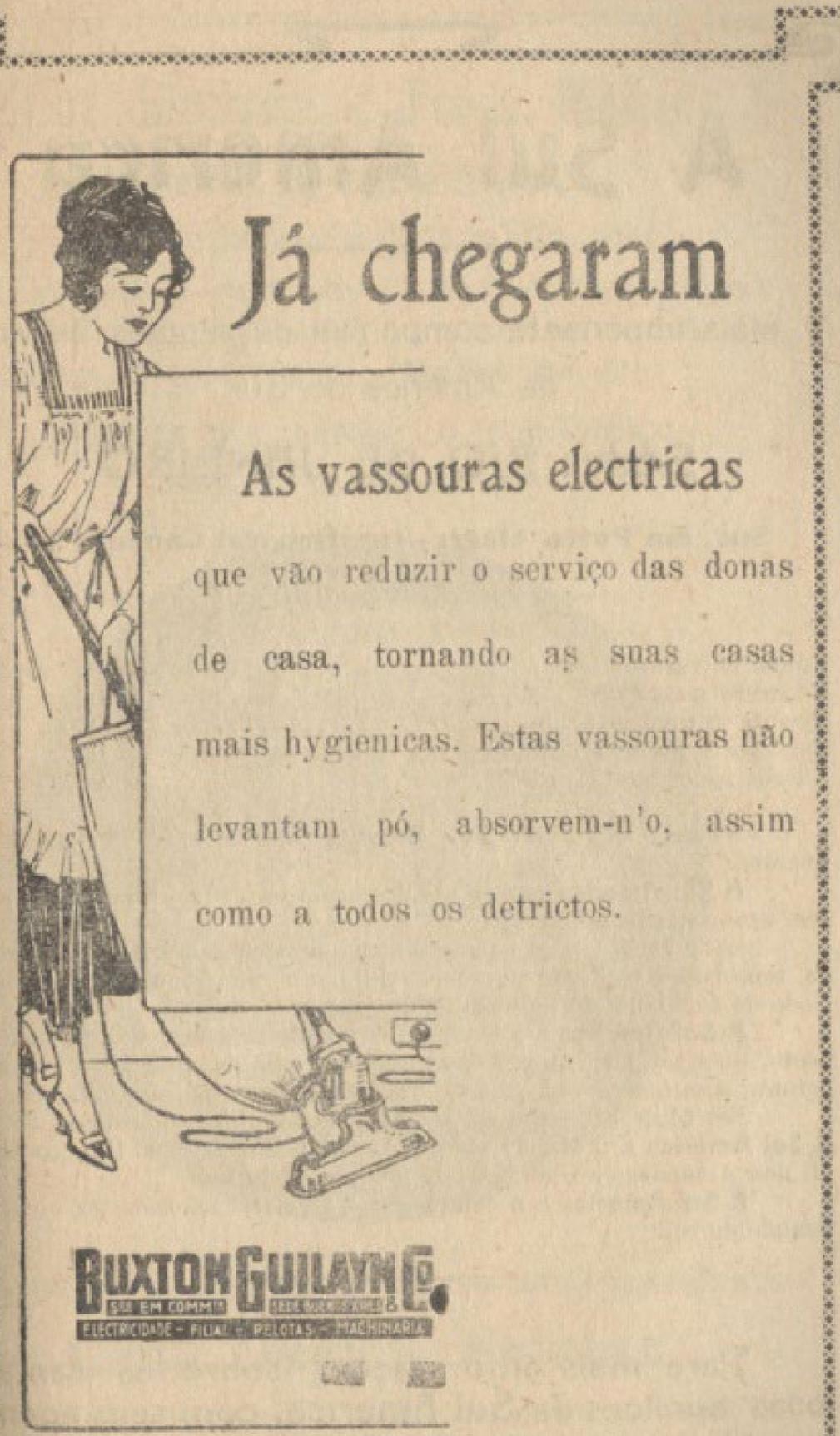
Percebe-se, então, que o campo de atuação sugerido/estipulado às mulheres era o interior de seus lares, seja executando ou coordenando as tarefas domésticas e cuidando dos filhos e marido. “Uma mulher que é esposa e mãe é benigna”, dizem Rosaldo e Lamphere, (1979, p.49). Tal aspecto é oriundo da ligação feita dos homens com a cultura e das mulheres com a natureza. Sobre isto as autoras (p.47), comentam que os homens são definidos com base nas suas experiências criadas pelos homens, a partir do seu alcance e sucesso nas instituições sociais elaboradas (elaboração de ritos de passagens); e as mulheres têm sua posição definida a partir do seu ciclo de vida e funções biológicas (sendo a ênfase na reprodução) e, por isso, associadas, então, à natureza. Ou seja, os homens alcançariam status por conquista

e para as mulheres seria algo atribuído, já *a priori* (p.46). Estas relações levam a outras, como as relações do homem com o público e da mulher com o privado, reforçado pela afirmação das autoras de que os homens, ao chegarem numa determinada fase da vida devem romper laços com o lar e as mulheres, por sua vez, devem dar continuidade (p.45). Essa relação do público e do privado é fundamental para a compreensão da ligação das mulheres com o trabalho, conforme será ilustrado a seguir a partir de dois reclames.

O primeiro deles (Figura 1), referente a um produto, uma vassoura elétrica, da marca Buxton Guilayn C°. Nele é possível observar o produto anunciado sendo manejado por uma mulher, mas, interessante notar, uma mulher bem penteada e trajada impecavelmente, calçando, inclusive, sapato de salto. Aqui parece claro o que está aconselhado no trecho do A.B.C. das mães de família acima: “geitosa no regimen da casa”!

Este exemplo trata, claramente, do trabalho mais estipulado, esperado e comum para as mulheres daquele período: as lidas do lar, justamente, no espaço privado. Este tipo de atividade, para Rosaldo e Lamphere, (1979, p.40), tem raiz no aspecto biológico e reprodutor das mulheres, pois o nicho de atuação delas era primordialmente este devido o seu papel de mãe, de ter que gerar e alimentar os filhos. Ainda de acordo com as autoras (p.51), os produtos do trabalho feminino costumam destinar-se a família e ao lar. A atribuição das atividades no interior do lar, também se articula à lógica capitalista (RUBIN, 1993, p.2-4), cujo mote é a busca do lucro, da mais-valia, onde o trabalhador produz um produto cujo valor é maior do que o que ele recebe para produzi-lo. Neste sistema, as mulheres têm a função de oferecer boas condições aos homens/trabalhadores dos quais a mais-valia é extraída, ofertando-lhes comida e roupas lavadas. Além disso, o trabalho doméstico, não remunerado, permite o incremento ainda maior da mais-valia realizada pelo capitalista.

O segundo exemplo (Figura 2) diz respeito a um serviço - Elisa Camorali, professora de datilografia. Neste exemplo, como tema represen-



Já chegaram

As vassouras electricas

que vão reduzir o serviço das donas de casa, tornando as suas casas mais hygienicas. Estas vassouras não levantam pó, absorvem-n'o, assim como a todos os detriectos.

BUXTON GUILAYN C°
538 EM COMMISSÃO 5388 BUREAU DE
 ELECTRICIDADE - FILIAL - PELOTAS - MAQUINARIA

Figura 1. Anúncio Vassouras electricas, Buxton Guilayn C°

Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1921, p. 301. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

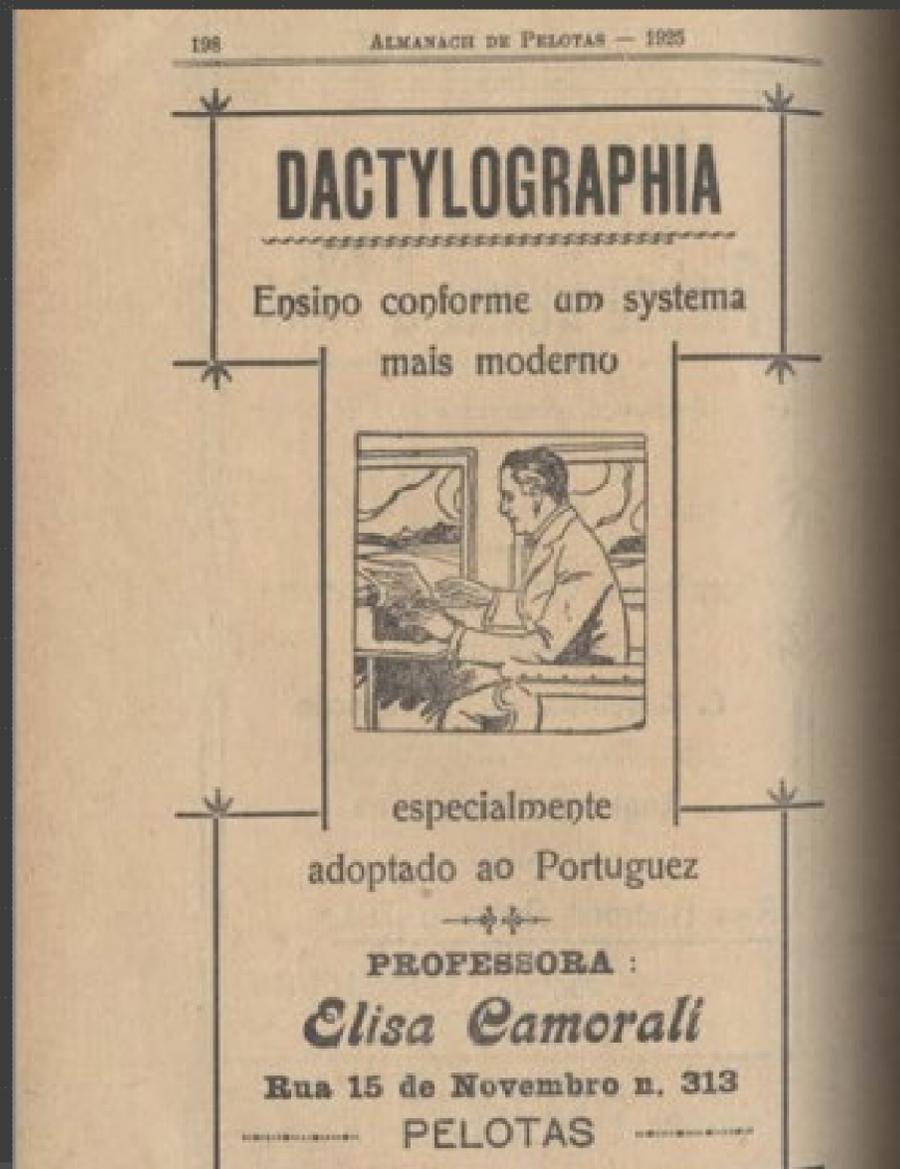


Figura 2. Anúncio Elisa Camorali, professora de datilografia
Fonte: *Almanach* de Pelotas, 1925, p. 198. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

tado, tem-se a ilustração de um homem bem vestido, datilografando em uma máquina de escrever.

O que é extremamente relevante no caso acima é o fato de se tratar do único anúncio (dentro de um total de 4221 reclames) que faz referência a um trabalho realizado por uma mulher como uma profissional e não como dona de casa. Porém, cabe ressaltar tratar-se de uma profissão considerada feminina, a docência. Outro aspecto instigante é o fato de a propaganda de um serviço prestado por uma mulher, mas a ilustração utilizada é de um homem. Assim sendo, a mulher até poderia “servir” para ensinar, mas talvez para datilografar em outros espaços públicos, a sugestão seria delegar esta tarefa aos homens.

CONCLUSÃO

A investigação que vem sendo desenvolvida está sustentada em artefatos culturais através dos quais se compreende poder extrair inúmeros dados do seu contexto de veiculação bem como daquilo que pode ter deixado rastros no momento presente. É o caso, exatamente, do que se pensa com relação à construção do gênero feminino com apoio dos discursos empreendidos pelos *Almanachs* de Pelotas e de seus reclames. Um estudo que faz uso de uma espécie de retrovisor, no intuito de observar o passado com vistas a um melhor entendimento do presente.

A postura de entendimento acerca dos objetos de pesquisa não só os toma como importantes indícios materiais do passado, mas como suportes que possibilitam o desencadeamento de memórias, memórias de algo que, inclusive não foi vivenciado pelos sujeitos atuais. Esses veículos, pelo exposto acerca dos conceitos de memória, possibilitam que sejam construídas memórias a partir de um cruzamento entre aspectos individuais e aspectos coletivos. São pontos idiossincráticos, porém, dentro de uma coletividade, que motivaram a investigação.

É nesse entrecruzamento que se pode apreciar a configuração das mulheres pelotenses no início do século XX no que se refere à sua relação

com o trabalho, seja no interior do lar ou fora dele. Mesmo que em breves exemplos, percebeu-se a promulgação de um discurso que inseria as mulheres nos limites de sua casa (seja cuidando dos filhos e esposo, seja executando as tarefas domésticas), enquanto aos homens era destinada a esfera pública. O único exemplo que contraria um pouco esse discurso, mas que, ainda assim, é permeado destas questões é o caso da professora de datilografia Elisa Camorali. Comentou-se o que ele tem de instigante: por que uma ilustração de um homem datilografando em um anúncio que ofertas os serviços de uma mulher? Além disso, o fato de ter-se encontrado apenas um reclame que apresente um serviço prestado por uma mulher, em um manancial de 4221 anúncios, também é elucidativo da situação. Poder-se-ia pensar este único exemplar limita a pesquisa, mas, justamente, esta exigüidade é extremamente representativa do estabelecimento dos papéis para homens e mulheres, sendo o pouco incentivo às mulheres no que se refere ao trabalho remunerado, um exemplo das estipulações arbitrárias para a construção de gênero.

Por fim, se reitera a compreensão destes objetos como veículos construtores e promulgadores de discursos de gênero, cujas intenções não eram nada ingênuas e foram motivadas pela ameaça de que estas relações poderiam ser modificadas. E no agora, em um estudo que se debruça no passado para melhor compreender o presente, o que compete é analisar e questionar se o medo sentido no lá no século XX ainda é sentido no século atual e o porquê de alguns papéis (embora com alguns avanços) insistirem em estar atrelados ao ser feminino ou ao ser masculino.

REFERÊNCIAS

ANASTÁCIO, Vanda. **Almanaques**: Origem, gêneros, produção feminina. In: AREIAS, Laura; PINHEIRO, Luís da Cunha (coord.). *As Mulheres e a imprensa periódica*. Lisboa: CLEPUL, 2014, p.5-32. Disponível em <<http://goo.gl/8XhAVO>>. Acesso em 30 de abril de 2014.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, s.d.

CANAU, Jöel. **Memória e identidade**. Buenos Aires: Del Sol, 2001.

_____. **Antropologia de la memoria**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2002.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Why we need things. In: LUBAR, Steven; KINGERY, David W. (orgs.). **The history from things**: essays on material culture. Washington: Smithsonian Institution, 1993. p.20-29.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e histórias de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.

FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTE, Maria Laura V. C. e HEILLBORN, Maria Luiza. **Antropologia e Feminismo. Perspectivas Antropológicas da Mulher**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

GASTAUD, Carla; SILVA, Fernanda Oliveira da. **Dicionário de História de Pelotas**. Beatriz Ana Loner, Lorena Almeida Gill, Mario Osório Magalhães (organizadores). Pelotas: Ed. da Ufpel, 2010.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. TADEU, Tomaz (org. e trad.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 47-58.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Mouton, 1976. p.83-113.

_____. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p.25-52.

LIMA, Paula Garcia. **Estudo da memória e do conceito de design através das peças gráficas e fotografias do Parque Souza Soares (Pelotas, 1900-1930)**. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.8, n. 2, 2000, p.9-42. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917>>. Acesso em: 21 ago. 2014.

RADLEY, Alan. Artefactos, memoria y sentidos del pasado. In: MIDDLETON, David; EDWARDS, Derek (org.). **Memoria compartida**: la naturaleza social del recuerdo y Del olvido. Buenos Aires: Paidós, 1992. p.63-76.

ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres:** notas sobre a “economia política” do sexo. Recife: SOS Corpo, março de 1993.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v.20, n.2., jul./dez., 1995, p.71-99.

VILLAS-BOAS, André. **Identidade e cultura.** Rio de Janeiro: 2AB, 2002.

031